

O carrocel da vida

De forma dessimulada, pela calada da noite, como convém a quem não é sério, eis-nos, em Portugal, com a questão da legalidade da eutanásia. A aprovação da legalidade não implica por si só o incremento ou a prática desenfreada. Acima do que é ou não legal está sempre a verdade e, fundamentada nela, a moralidade ou ética. Não será porque é legal que as consciências mais sérias a ela recorrerão.

No entanto não deixa de ser perversa a proposta da legalização. Logo à partida a forma como foi feita a proposta é uma machadada na democracia e na seriedade dos nossos deputados. Não restam dúvidas de que se trata de um oportunismo e uma verdadeira “jogada” com o objetivo de fugir à discussão e ao debate.

Mas mesmo para lá do oportunismo e da falta de responsabilidade dos proponentes (já nos vamos habituando) há um fator ainda mais grave. A mentalidade que serve de pano de fundo à proposta é verdadeiramente preocupante. A nossa sociedade dita avançada e evoluida segue um rumo preocupante: seguimos pela estrada do tecnicismo, económico e burocrático, deixando de parte o humanismo e a humanização. E assim vamos percorrendo o caminho, felizes e contentes em direção à negação do que somos e queremos ser. Quando nos subjugamos àquilo que deveria ser por nós subjugado estamos de verdade a cavar a nossa sepultura. A economia deveria estar ao nosso serviço e afinal controla-nos; a técnica deveria estar ao nosso serviço e afinal domina-nos.

E, bem vistas as coisas, a eutanásia é a expressão do que queremos para nós próprios: queremos fugir da vida, queremos morrer e desaparecer daqui, queremos que a vida pertença à máquina e à moeda. E nós pudemos simplesmente sair. Como num carrocel: preferimos ver a roda girar sem passageiros; queremos ficar de forma enquanto lá dentro os brinquedos que fabricamos vivem a fantasia de um mundo que não têm. Porque era nosso o nunca será o seu.

Edgar é um menino de 4 anos. Vive desde que nasceu numa redoma de vidro. Nasceu com atrofia pulmonar e não pode estar em contato direto com os ambientes exteriores. Alimenta-se de substâncias nutritivas que lhe são injetadas. Nunca esteve ao colo dos pais e nunca brincou com outros meninos. A medicação que toma, intercalada com os nutrientes de que precisa, fazem com que seja necessária uma pessoa a tempo inteiro a seu lado como vigilante e companhia. Edgar tem poucas hipóteses de sobrevivência e é, na verdade, um manancial de problemas, preocupações e despesas.

Sim, já alguém alvitrou a possibilidade de praticar a eutanásia. Choca mais porque a Edgar é uma criança (não um velho no fim de vida); além disso Edgar não tem vontade própria, e teriam que ser os pais a tomar a decisão. E são precisamente estes pais ternos, lindos e apaixonados pelo filho que têm, que já disseram NÃO. E vão sempre dizer porque, como afirmam, “não fomos nós que decidimos que nasceria assim e não seremos nós a decidir quando deve deixar-nos. E quem sabe como será o Edgar daqui a uns anos? E a esperança continua a determinar as suas decisões.

Edgar ainda poderá brincar num carrocel. Esse carrocel que alguns querem que gire sozinho sem passageiros, e que se chama carrocel da vida.